



ETNOGRAFIAS URBANAS:

MASCULINIDADES



ORGANIZAÇÃO
SIMONI LAHUD
ROLF MALUNGO DE SOUZA

Copyright© Edições Malungo. Livros pra pensar Ltda. 2019.

Todos os direitos para a língua portuguesa reservados pela Edições Malungo.

De acordo com a Lei 9.610, de 19/2/1998, nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Editora.

Editor:

Rolf Malungo de Souza

Coeditora:

Cris Albuquerque Malungo

Designer:

Fabio da Silva

Foto Capa:

Funebre - Istockphoto

ETNOGRAFIAS URBANAS:
MASCULINIDADES

ORGANIZAÇÃO
SIMONI LAHUD
ROLF MALUNGO DE SOUZA

1ª EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO

2019



Copyright© Edições Malungo. Livros pra pensar Ltda. 2019.

Todos os direitos para a língua portuguesa reservados pela Edições Malungo.

De acordo com a Lei 9.610, de 19/2/1998, nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Editora.

Editor:

Rolf Malungo de Souza

Coeditora:

Cris Albuquerque Malungo

Designer:

Fabio da Silva

Foto Capa:

Funebre - Istockphoto

Apresentação

Este livro que você tem em mãos é uma coletânea de textos que a professora Simoni Lahud e eu organizamos a partir do curso **Etnografias Urbanas: Masculinidades** no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF), no primeiro semestre de 2019. Quando propusemos aos nossos alunos e alunas a organização deste livro queríamos incentivar estes novos pesquisadores e pesquisadoras e imaginávamos que teríamos textos de boa qualidade, mas o que chegou às nossas mãos nos surpreendeu positivamente. Os textos que você vai ler são frutos de discussões que tivemos durante nossas aulas e fazem parte da pesquisa que estes estudantes desenvolvem. Eles trazem várias abordagens sobre masculinidades a partir de diferentes áreas do conhecimento como a Antropologia, Sociologia, Pedagogia e Literatura.

Como falei acima, estes trabalhos foram avaliados e escolhidos por nós, Simoni e eu, para fazer parte dessa coletânea, contudo, fomos surpreendidos com o falecimento de nossa querida Simoni. Assim, esse livro que seria uma publicação sobre masculinidades, tema que pesquisamos juntos há alguns anos, tornou-se uma homenagem a nossa querida colega, mentora, conselheira e amiga que nos deixou prematuramente

Para quem não teve o prazer de conhecer, Simoni foi um importante nome na Antropologia brasileira, com grande número de publicações, como “*O Brasil no campo de futebol: Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*”, “*Jogo de Corpo: Um estudo da construção social de trabalhadores*” e “*Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*” (em co-autoria com Edison Gastaldo). Ela foi pioneira na criação do campo de pesquisa etnográfica sobre o futebol e seus interesses também estiveram ligados às pesquisas etnografias sobre representações sociais, trabalhadores urbanos, gênero, e, mais recentemente, pesquisas comparativas sobre projetos sociais esportivos nos contextos brasileiro e argentino.

Conhecida pela sua paciência e generosidade entre seus colegas, orientandos e orientandas, sempre tinha palavras de incentivo e acolhimento. Sua casa

era uma extensão do seu gabinete, onde habitualmente se reunia para orientar, aconselhar e, não raro, conciliar. Flamenguista convicta, sempre de bom humor, gostava de cozinhar comida árabe e contar casos antigos de sua vivência no campo da Antropologia, onde mostrava sua habilidade de educar, orientar e cativar seus ouvintes.

Este livro além de ser uma produção intelectual é também uma homenagem àquela que deixou vários órfãos e órfãs, que será sempre lembrada com muito afeto e respeito.

Todos/as nós que estivemos envolvidos/as com a produção deste livro esperamos que ele seja lido com o mesmo carinho com que foi escrito.

Boa leitura!

Rolf Malungo de Souza

Vila Isabel, Primavera de 2019.

Prefácio

A coletânea que se vai ler é uma inesperada e involuntária homenagem póstuma a uma querida colega e amiga, a Professora Simoni Lahud Guedes. Ainda sob o impacto de seu súbito falecimento, estou atendendo ao pedido dos seus colaboradores para escrever este Prefácio, tarefa das mais difíceis nestas circunstâncias.

Conheci Simoni quando em 1971 comecei a cursar Ciências Sociais na UFF, onde ela já terminava seu curso. Depois, fui seu contemporâneo no mestrado do Museu Nacional e, posteriormente, seu colega, desde 1977 no Departamento de Antropologia da UFF. Apesar do convívio social infrequente, estávamos sempre próximos a nossos queridos professores, Wagner Neves Rocha e Luís de Castro Faria e nossos encontros se desenvolveram, frutificaram e intensificaram ao longo desses 48 anos. Em comum, tínhamos principalmente a paixão pela Antropologia que fazíamos e um forte compromisso democrático, republicano e institucional, o que fez com que vicejasse entre nós, ao longo do tempo, grande amizade e respeito mútuo, que se traduziu inúmeras vezes em colaborações de grande relevância para nossas atividades acadêmicas, institucionais e profissionais.

Sua longa e rica vivência profissional e acadêmica dificilmente pode ser adequadamente resumida em poucas palavras. Ressalto apenas que na UFF, sua institucionalidade, firmeza de caráter e competência no exercício da pesquisa, da administração e do magistério foram decisivas para que o Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisas (NUFEP), o Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) e, mais recentemente, o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia – Instituto de Estudos em Administração de Conflitos (INCT-InEAC) se consolidassem, destacando-se como centros de pesquisa, ensino e extensão de qualidade reconhecida nacional e internacionalmente.

Assim como sua trajetória universitária, suas trajetórias acadêmica e associativa foram de alta relevância, desde a dissertação inaugural de mestrado, pioneira na abordagem antropológico-etnográfica do futebol no Brasil, intitulada “*O Futebol Brasileiro: Instituição Zero*”, orientada por Luís de Castro Faria no PP-

GAS do Museu Nacional/UFRJ e sua tese de doutorado, em 1992, na mesma instituição, orientada por Luiz Fernando Dias Duarte, intitulada *“Jogo de Corpo: um estudo de construção social de trabalhadores”*, publicada em nossa Coleção *“Antropologia e Ciência Política da UFF”* (EDUFF, 1997). Seu trabalho na pesquisa foi reconhecido e propiciou que participasse do Comitê Assessor de Pesquisa na área de Antropologia, da Comissão de Assessoramento da área na CAPES e se tornasse pesquisadora de produtividade 1-B do CNPq e Cientista do Nosso Estado da FAPERJ. No magistério, foi aprovada para progressão a Professora Titular de Antropologia da UFF em 2015, onde já havia sido agraciada com o V Prêmio UFF de Excelência Científica - área de Humanas e Sociais Aplicadas (2012). Além dos temas referentes às etnografias urbanas, ao esporte e à cultura operária, dedicou-se também a outros, como o ensino da Antropologia, ao coordenar a Comissão de Ensino e Ofício da Associação Brasileira de Antropologia e, em especial a estudos recentes sobre conflitos em instituições escolares, ambiente no qual ela mesma desenvolveu atividades profissionais.

Finalmente, é de se ressaltar sua generosa e firme postura política, sempre esclarecida e explícita em todos os contextos em que esteve envolvida, exemplo a ser seguido na defesa permanente dos ideais republicanos e democráticos que há muito abraçamos e que estão sob permanente ameaça, especialmente nos dias de hoje.

Esta coletânea nada mais é do que um dos excelentes frutos de sua dedicação e expertise, abordando assunto a que dedicava especial atenção, desde suas primeiras incursões profissionais na trajetória acadêmica.

Que nós, seus colegas, ex-alunos e alunos possamos torná-la sempre presente em nossos corações e mentes, restando esta publicação póstuma como um mais que merecido tributo a sua bela e vigorosa existência, testemunho público da falta que ela nos faz.

Niterói, 19 de setembro de 2019.

Roberto Kant de Lima

Coordenador do Instituto de Estudos Comparados em Administração
de Conflitos (www.ineac.uff.br)

Índice

ALEXANDRE GASPARI

- 9 Homens de verdade, homens flexíveis, homens que aguentam: modulações hegemônicas entre masculinidades (b)anais

ANDRÉ HENRIQUE DOS SANTOS FRANCISCO

- 34 Abraço de Urso: um breve olhar sobre corpos e masculinidades numa festa gay da noite carioca

BÁRBARA CARDOSO

- 71 Não basta ser, tem que mostrar: a construção de reputações masculinas em um subúrbio de Al-Mahalla Al-Kubra, Egito

CAMILLA ARAUJO

- 96 Masculinidades em Jogo: uma análise antropológica das construções de sexualidade

JULIANA LENCINA DA SILVA

- 110 O masculino no realismo machadiano e o Rio de Janeiro do século XIX: Memórias Póstumas de Brás Cubas

LUCIANE TAVARES DOS SANTOS

- 124 Produção de (auto) sentidos de/sobre homens que foram Ao Divã

TAYNÃ MARTINS RIBEIRO

- 146 Quando homens se encontram: notas sobre um espaço de sociabilidade masculina

THUANI COUTINHO GOMES DE QUEIROZ

- 161 O peso da honra e da vergonha em experiências sexuais masculinas

TIAGO SALES DE LIMA FIGUEIREDO

176 Construindo masculinidades em uma escolinha de futsal.

VICTOR FERREIRA MARTINS

200 Um Estranho no Ninho: Um estudo das masculinidades em um encontro de veteranos da Aeronáutica

Homens de verdade, homens flexíveis, homens que aguentam: modulações hegemônicas entre masculinidades (b) anais

ALEXANDRE GASPARI¹

INTRODUÇÃO

A falácia do homem “natural”

“Não se nasce viril, torna-se viril”. O título do artigo de Baubérot (2013) que apresenta uma análise histórica sobre a “virilidade” na Europa do século 20 e suas transformações nas recentes décadas do século 21 é inspirado na clássica frase de Simoni de Beauvoir inscrita em “O segundo sexo”, de 1949: “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Segundo o autor, a própria Beauvoir escrevera em 1972 que “não se nasce homem, torna-se homem” e que “a virilidade tampouco é dada logo de início”.

Noções como “homem”, “masculinidade” e “virilidade” não são, portanto, partes constitutivas de uma “natureza humana” – o mesmo vale para “mulher” e “feminilidade”. Meninos não usam azul e meninas não usam rosa por um essencialismo biológico determinativo, apesar de crenças sombrias nesse sentido que vêm tomando o poder político no Brasil e em outros países. Ainda que a biologia explique algumas diferenças entre os “sexos”, não são essas diferenças que estabelecem identidades, identificações, gostos, posturas e atitudes tidas como “masculinas” ou “femininas”.

Símbolo corporal, o pênis é apontado, em termos médicos e biológicos, como o primeiro elemento de diferenciação (e de construção) do masculino, contudo, a evolução da medicina pôs por terra sua própria teoria. Afinal, como usar órgãos genitais e gônadas sexuais para situar como “homem” ou “mulher” as pessoas intersexo? Apesar do esforço biotécnico em designar um ou outro “sexo” logo após o nascimento de crianças com características sexuais

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

duplas, já foram relatados diversos casos em que o sexo “escolhido” por pais e especialistas não correspondia ao sexo projetado pela pessoa que passou por procedimento cirúrgico².

Outro exemplo de desgenitalização é a população transgênero, embora em graus diferentes para mulheres e homens. Se as cirurgias de redesignação sexual em mulheres transgêneros são procedimentos médicos amplamente conhecidos e realizados, as técnicas de construção peniana em homens trans são mais complexas. Em ambos, porém, o discurso de que a identidade de gênero não está na genitália é recorrente³.

Tais situações reforçam que

Os órgãos sexuais não existem em si. Os órgãos que reconhecemos como naturalmente sexuais já são o produto de uma tecnologia sofisticada que prescreve o contexto em que os órgãos adquirem sua significação (relações sexuais) e de que se utilizam com propriedade, de acordo com sua “natureza” (relações heterossexuais). Os contextos sexuais se estabelecem por meio de delimitações espaço-temporais oblíquas (PRECIADO, 2014, p. 31)

Ou, nas palavras de Butler (2013):

Podemos referir-nos a um “dado” sexo ou um “dado” gênero, sem primeiro investigar como são dados o sexo e/ou o gênero e por que meios? E o que é, afinal, o “sexo”? É ele natural, anatômico, cromossômico ou hormonal, e como deve a crítica feminista avaliar os discursos científicos que alegam estabelecer tais “fatos” para nós? Teria o sexo uma história? Possuiria cada sexo uma história ou histórias diferentes? [...] Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma (BUTLER, 2013, p. 25)

² Exemplos dessa situação estão em relatório da *Human Rights Watch* sobre cirurgias em pessoas intersexo (<<https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/relatorio-alerta-para-cirurgias-desnecessarias-em-criancas-intersexuais-5cg-tb6yfsw9md3xoemswynmtr/>>), em matéria da BBC sobre uma pessoa intersexo que passou por processo cirúrgico na infância e foi criada como mulher, mas que se identifica como homem (<<https://www.bbc.com/portuguese/geral-41644987>>) e em matéria da revista Marie Claire que traz o depoimento de uma intersexo que foi criada como homem mas depois assumiu o gênero feminino e foi mãe (<https://revistamarieclaire.globo.com/EuLeitora/noticia/2019/08/sou-intersexual-fui-criada-como-menino-e-realizei-o-sonho-de-engravidar.html?fbclid=IwAR2fjF7v5-C_FI9T4UVCvqYEVp1h_I9q5E_1y-hmX41IDBdY8CiyD5HMkHo>). A pressão pela definição cirúrgica de pessoas intersexo também foi retratada no filme “XXY” (2008), dirigido por Lucía Puenzo.

³ Sobre as cirurgias de construção peniana e os discursos de homens com vagina, ver matéria do Vice (https://www.vice.com/pt_br/article/3dvxd9/como-se-faz-um-penis-em-uma-pessoa-com-vagina).

O “fazer do pênis” do homem

Se sexo e gênero são culturalmente construídos e mesmo sinônimos, entender o que podemos chamar de “devir homem” parece exigir outras interpelações. Baubérot (2013) sugere que:

Deveríamos considerar que o processo de maturação que naturalmente leva o menino ao estado de homem adulto desempenha um papel ínfimo diante do lento e profundo trabalho de inculcação pelo qual a sociedade o conduz a se conformar às características físicas e morais específicas do estado viril (BAUBÉROT, p. 189, 2013).

Chamo a atenção para o que ele nomina como “estado viril”. Ainda que se questione o uso de “virilidade” e “masculinidade” como sinônimos⁴, o apontamento de Baubérot é comparável à noção de masculinidade hegemônica de Connell (2005), definida como “a configuração de práticas de gênero que incorporam a legitimação do patriarcado, que garantem (ou são usadas para garantir) a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres⁵” (CONNELL, 2005, p. 77).

Tal masculinidade, que pode ser pensada como um tipo ideal weberiano, não é fixa e nem permanente. Varia, portanto, no tempo e no espaço. É contestada, questionada, desafiada diuturnamente. E se estabelece a partir de processos relacionais, delineando outros “tipos” de masculinidade, de acordo com Connell (2005): subordinada, cúmplice ou marginalizada.

Cecchetto (2004) lembra que desde a chamada “segunda geração” do feminismo dos anos 1970 tornou-se um “lugar comum” que a construção do masculino e do feminino e das relações de gênero varia de cultura para cultura e nos períodos históricos. Foi quando “a masculinidade deixou de ser algo ‘evidente’ e, portanto, ‘inquestionado’, passando a ser discutida cada vez mais (CECCHETTO, 2004, s.p.).

Por isso, imaginar uma “masculinidade hegemônica” monolítica e singular, ainda que esta se altere no tempo e no espaço, torna-se um problema. Mais do

⁴ Courbin, Courtine e Vigarello (2013) apontam que “a virilidade é marcada por uma tradição imemoral: não simplesmente o masculino, mas sua natureza mesma, e sua parte mais ‘nobre’, senão a mais perfeita. A virilidade seria virtude, cumprimento. A *virilitas* romana, da qual o termo é oriundo, permanece um modelo.” (*Ibid.*, 2013, p. 8). Apesar da ressalva e da localização histórica, frequentemente os termos “virilidade” e “masculinidade” se confundem. Neste texto, são abordados como equivalentes.

⁵ Livre tradução do texto original em inglês: “*Hegemonic masculinity can be defined as the configuration of gender practice which embodies the currently accepted answer to the problem of the legitimacy of patriarchy, which guarantees (or is taken to guarantee) the dominant position of men and the subordination of women.*”

que construções, a(s) masculinidade(s) são estabelecidas em relações, tanto entre homens e mulheres com entre os próprios homens. São situacionais e variam tanto entre culturas como dentro de uma própria cultura. É possível, portanto, imaginar a transitoriedade de um homem em torno de variadas masculinidades em diferentes ambientes relacionais, como família, trabalho, amizades, etc.

Se há diversas masculinidades, e mesmo diversas masculinidades hegemônicas, há de se supor que a “hegemonia” está sempre em disputa. Portanto, o sujeito “macho”, o sujeito “homem”, torna-se fluido e agenciável. Os trânsitos podem deslocar esses papéis e transformar submissão em hegemonia, hegemonia em cumplicidade, cumplicidade em submissão.

A partir dessas reflexões teóricas, este artigo pretende apresentar os “jogos de masculinidades” envolvidos em e entre três “grupos” de homens: os homens “de verdade” – heterossexuais que costumam se intitular como “sujeitos-homens” ou “machos de verdade”; os g0ys – heterossexuais que reforçam padrões de masculinidade, mas que admitem relações homoafetivas e homoeróticas; e o que estou chamando de “homens que aguentam” – aqueles com práticas homossexuais que assumem posição sexualmente passiva nessas relações, incluindo submissão a atos violentos, mas que reforçam sua virilidade em suas representações sociais, mesmo entre homens gays.

Para tal análise, estamos utilizando informações das páginas “Orgulho de ser hétero” e “Sujeito homem” na rede social *Facebook*, bem como a etnografia de Souza (2011) feita com um grupo de homens em um bairro do subúrbio do Rio de Janeiro; na mesma rede social, observamos a página “Movimento g0y Brasil”, bem como o site Hetero g0y; e na rede social *Grindr*, utilizada para encontros sexuais entre homens, consideramos alguns perfis, associando-os à etnografia de Barreto (2017) em festas de orgias para homens, bem como menções às comunidades de gays adeptos de BDSM⁶ e *fist fucking*⁷ na análises de Tamagne (2013).

Cabe ressaltar uma provocação que motivou esse trabalho comparativo entre tais grupos. Se, como já visto, ser “homem” não é “ter pênis” e a(s) masculinidade(s) é (são) construções (ou relações) culturais, como explicar a penetração anal – e as disputas entre homens em torno dela – como uma ameaça permanente ao “ser macho”?

Para Sáez e Carrascosa (2016),

Se a masculinidade não está nos genitais (existem biomulheres masculinas e existem trans F2M⁸ que são homens sem genitais

⁶ Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo.

⁷ Prática que envolve a penetração do ânus com a mão e o braço.

⁸ *Female-to-male*, mulher para homem.

masculinos), nem nos hormônios... onde está? Ora, no cu, ou, mais precisamente, em sua impenetrabilidade. Claro que isso é assim dentro do regime heterocentrado e machista. [...] Certas comunidades de couro e sadomasoquistas gays e lésbicas têm subvertido esse regime, e têm desenvolvido uma apropriação da masculinidade precisamente pelo lugar mais inesperado, por uma valorização do papel passivo na penetração (SÁEZ E CARRAS-COSA, 2016, p. 86).

Neste sentido, este texto vai procurar abordar, além das representações sociais, as relações que tais grupos desenvolvem em torno do ânus – chamo de (b)analidades. Afinal, o ânus, como apontam Deleuze e Guattari *apud* Preciado (2014), é “o primeiro de todos os órgãos a ser privatizado, colocado fora do campo social” (PRECIADO, 2014, p. 31).

Sujeitos-homens: honra e “desejos da carne”

De fundo, uma imagem em preto e branco do ator estadunidense Clint Eastwood – que teve sua carreira marcada por personagens violentos e considerados extremamente másculos – caracterizado como cowboy, ainda jovem. Em primeiro plano, os dizeres: “Sinto falta dos velhos tempos, quando o mundo não era composto por frescos sensíveis que se ofendem por qualquer coisa”. Apresentando a composição, o comentário: “Bons tempos...”.

Esse é um post do dia 7 de agosto de 2019 da comunidade “Seja homem” no *Facebook*. A comunidade, que se apresenta como um “site educacional”, tem cerca de 1,5 milhão de seguidores, entre homens e mulheres. Quase diariamente são publicados posts com mensagens que convencionalmente chamaríamos de “motivacionais”, com pequenas frases de estímulo, algumas “sérias”, outras usando de “humor”.

As mensagens da “Seja homem” costumam ser compartilhadas por outra página desta mesma rede social: a “Orgulho de ser hetero”. Também reunindo homens e mulheres, esta tem mais seguidores, cerca de 1,7 milhão de pessoas. É apresentada como um “site de entretenimento” e um “site de notícias e mídia” e seus administradores a definem como a “página oficial do Blog Orgulho Hétero”. E apesar de “hétero” ser uma expressão que marca uma orientação sexual tanto para homens como para mulheres, as postagens são majoritariamente destinadas a enaltecer e estimular o que parecem considerar ser “homens de verdade”.

A “Orgulho” publicou no dia anterior (6 de agosto) um post com um desenho que mostrava como se montar um carrinho de rolimã, brinquedo caseiro

muito comum no subúrbio carioca até os anos 1980/1990. Apresentando a gravura, os dizeres: “Se você conhece esse PROJETO! PARABÉNS!! Você teve uma infância maravilhosa!”.

Saudosismo parece ser uma marca dos processos de construção da masculinidade apresentados pelas duas páginas. Contudo, as diferenças também são explícitas. Se a lembrança do carrinho de rolimã representa uma “infância maravilhosa” que permitiu a construção de um “homem adulto feliz”, os “velhos tempos” que ficaram para trás representam um “homem” que não era “fresco sensível” e se “ofendia por qualquer coisa”. Um “macho de verdade” que hoje pensa que “já não se fazem mais homens como antigamente”.

Outra marca de uma valorização do passado está num post feito pela “Orgulho” no dia 28 de julho de 2019 com uma composição criada pela “Seja homem”. Em preto e branco – estética recorrente nas montagens das duas páginas que parece tanto querer transmitir sobriedade quanto “resgatar” um tempo passado –, uma imagem do jogador de futebol português Cristiano Ronaldo, de terno e óculos, sentado, com expressão séria. Recostada em seu ombro direito, uma mulher que parece ser sua mãe. O texto: “Por trás de todo grande filho(a), há sempre uma ótima mãe”.

Curiosamente, apesar de usar o recurso “filho(a)” para englobar as mulheres, os dizeres não usam “todo(a)”, mas apenas “todo”, no masculino – é, portanto, dirigido a homens, até mesmo pela imagem que o ilustra. E Ronaldo, craque mundial do futebol, até junho passado era acusado de estupro pela modelo estadunidense Katheryn Mayorga, caso ocorrido em 2009, cujo processo foi reaberto em 2018 – o que não tirou dele a alcunha de “grande filho”.

A sacralização da mulher como mãe – e como a responsável por criar um grande filho homem – pode ser apontada como uma herança colonial mediterrânea. Assemelha-se ao que Almeida (1995) observou em sua pesquisa etnográfica no povoado de Pardais, no sul de Portugal, ao analisar a poesia popular.

O recurso à figura do filho, da relação mãe-filho, da impotência infantil, é recorrente. Trata-se de uma poética da falta de poder. [...] Mas no extremo a nostalgia da dependência da mãe (a época da vida em que não se tem de <<ser homem>>) ganha a força de um paraíso perdido (ALMEIDA, 1995, p. 219).

Outra categoria “herdada” das sociedades mediterrâneas apreensível nas publicações das duas comunidades, apontada por Pitt-Rivers (1971) em seu trabalho sobre a Andaluzia, na Espanha, envolve a noção de honra.

Honra é o valor que uma pessoa tem aos seus próprios olhos, mas também aos olhos da sociedade. É a sua apreciação de quanto vale, da sua pretensão a orgulho, mas é também o reconhecimento dessa pretensão, a admissão pela sociedade de sua excelência, do seu *direito* a orgulho. [...] A honra fornece, portanto, um nexo entre os ideais da sociedade e a reprodução destes no indivíduo através de sua aspiração de os personificar (PITT-RIVERS, 1971, pp. 13-14)

As mensagens que servem de estímulo para construir um “homem de verdade” comprovam essa busca pela honra. Algumas fazem comparações com animais para mostrar a “força” e a “liderança” que todo “homem que é homem” – não o “fresco e sensível” – deve ter:

- “Todo vencedor tem cicatrizes”, com a imagem de um leão – o “rei da selva” – de fundo;

- “Os tubarões reclamam da segunda-feira? Não. Eles acordam cedo, perseguindo coisas, sendo fortes, imponentes e assustadores. Lembrando a todos que eles são tubarões”, com a imagem de um tubarão branco.

Em outras publicações, fica nítido que um homem honrado tem de trabalhar duro e entender – e superar – as adversidades:

- “Cada dor lhe faz mais forte, cada traição mais inteligente, cada desilusão mais hábil, e cada erro mais sábio”, com a imagem de um homem musculoso de perfil, agachado, cabisbaixo, apoiando uma espada (um símbolo fálico) no chão e sendo molhado pela chuva.

- “Ninguém viu você trabalhando duro e vão falar pelas costas que foi sorte”, com um desenho de um homem velho, com barba grande, forte, forjando uma espada (o falo/a masculinidade em construção).

- “Não pare. Sofra agora e viva o resto de sua vida como um campeão”, sobre foto em preto e branco que mostra o falecido boxeador Muhammad Ali correndo sob neblina em uma estrada ao lado de carros.

Um “homem” deixa de ser um “menino” somente se age como fala, diz outro post:

- “Se as ações de um homem não condizem com suas palavras, ele não é um homem. Ele é apenas um menino que gosta de falar”, com uma imagem em preto e branco de um homem branco, sério, de terno e gravata.

A honra de um “homem de verdade” também envolve respeitar seus pais e dar a eles o que não recebeu:

- “Pare de reclamar que seus pais não te deram tudo e trabalhe para dar a eles tudo que eles não tiveram”, com uma imagem de um homem e seu filho (me-

nino) de costas, caminhando num bosque sombrio, mas com uma luz intensa no fim do caminho.

E, obviamente, a honra de um homem depende da mulher que está ao seu lado. Afinal, como apontam Pitt-Rivers (1971) e Almeida (1995), a masculinidade é constantemente colocada em risco pela mulher. Por essa razão, é preciso que o “homem de verdade” faça a correta escolha de sua companheira, bem como a valorize (ou a vigie bem) para que não veja sua honra transformada em vergonha. Eis alguns exemplos:

- “Mulher não tá nem aí pra combo, gasolina, fofoca. Mulher quer que o cara seja um bom pai, cuide da casa, tire o lixo, saiba trocar a resistência, o gás, seja trabalhador, faça um arroz soltinho, cuide bem dela... mas eu tô falando é de mulher”, diz o texto que comenta uma foto de um casal, a mulher grávida e o homem sem camisa e musculoso, ambos brancos, pendurando roupas de bebê em um varal.

- “Como identificar um casal raiz: enquanto ele escova os dentes, ela entra pra fazer xixi; ele ajuda a fazer a comida; ela muda de time e torce para o time dele; ele até reclama, mas lava a louça...; ela paga o lanche se ele não puder”.

Nos dois exemplos acima, é curioso notar certa tentativa de diferenciar o “macho” como uma categoria positivadora e o “machismo” como uma característica negativa, acusatória e que deve ser evitada, similar à percepção de Guttmann (2017) entre os homens da colônia popular de São Domingo, na Cidade do México. Um homem não deixa de ser “macho” se fizer um arroz soltinho, ajudar a fazer a comida e lavar a louça.

Por outro lado, uma mulher “de verdade” não deve se ater a valores materiais, como carros (a gasolina) ou se ele não tem dinheiro para pagar o lanche. Ela deve dar atenção ao fato de o homem ser “trabalhador”, característica ressaltada pelos homens pesquisados por Guedes (1997) em um bairro de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro, e saber resolver os problemas da casa. Ela também não pode se importar em trocar de time – se a honra dele assim o exigir.

Como aponta Souza (2011),

A masculinidade é uma experiência coletiva, socialmente construída por homens e mulheres e esta construção tem de ser validada por ambos; homens e mulheres têm papéis diferentes, mas igualmente importantes na *construção social da masculinidade* (SOUZA, 2011, p. 24).

Homens de verdade têm, portanto, mães de verdade, força de verdade, ati-

tude de verdade, trabalho de verdade, perseverança de verdade, mulheres de verdade e também tem que gostar de comida de verdade.

Uma publicação da “Orgulho de ser hétero” se utiliza de um meme de internet⁹ que mostra duas imagens do rapper estadunidense Drake. Em uma delas, o cantor faz um gesto de afastamento para sushis – comida japonesa “fresca e sensível”. Na outra, ele sorri e aponta positivamente para um pedaço de carne bovina sendo fatiado.

Sim, “sujeito-homem” gosta mesmo é de “carne queimando”. Tanto assim que a “Orgulho” também publicou um post – compartilhado pela “Seja Homem” – que apresenta o “Manual do churrasco”. E não se trata de como preparar as iguarias, mas sim de como se deve proceder nessas ocasiões. Eis alguns dos conselhos, como publicados:

- “NUNCA leve a cerveja barata e tome a mais cara, se você faz isso, é um safado cara de pau.”

- “Se você bebe igual a um V8, não leve apenas 6 latinhas!”

- “Por favor, não leve a cerveja quente, é um erro gravíssimo e pode levar a sua suspensão no próximo churrasco!”

Churrasco e cerveja são mesmo os combustíveis da “confraria da esquina” pesquisada por Souza (2011) no início dos anos 2000. Trata-se de um grupo de cerca de 15 homens, com idades entre 30 e 45 anos à época e médio poder aquisitivo, que se reuniam todos os fins de semana em um espaço público (uma esquina) entre os bairros da Vila da Penha e do Quitungo, no subúrbio do Rio de Janeiro, em geral após jogarem futebol.

Se as comunidades virtuais são “formadoras” dos “homens de verdade”, a confraria da esquina pode ser considerada sua materialidade. Por isso, as conversas entre os “confrades” reiteram certa valorização do passado como uma época em que “homem era homem”, e “não tinha frescura”; marcam uma permanente vigilância sobre a coerência entre atitudes e falas de seus integrantes; reforçam a necessidade de ser ter uma boa “companheira” ou “esposa”, que cuide bem da casa e da família e, sobretudo, saiba que aquele espaço, embora público, é “lugar de homem, e apenas de homem” – o velho paradigma patriarcal da rua como espaço masculino e a casa como lugar feminino, relatado também por Almeida (1995).

Interessa aqui chamar a atenção para algumas falas e ações desse grupo que remetem a um aspecto ignorado tanto pela “Orgulho de ser hétero” como pela

⁹ Segundo Thaís Stein, do “Dicionário popular” (<<https://www.dicionariopopular.com/meme/>>), “a expressão ‘meme’ é usada para se referir a qualquer informação que viralize, sendo copiada ou imitada na rede. Geralmente esses memes são imagens, vídeos ou gifs de conteúdo engraçado, e que acabam se espalhando na internet por meio das redes sociais ou fóruns”.

“Seja homem” na construção da masculinidade: a sexualidade, mais precisamente, a heterossexualidade. Esta é constantemente questionada pelos confrades, geralmente em tom jocoso, e precisa ser permanentemente reiterada por eles como condição para se manterem como “homens de verdade”, seja por falas, por respostas provocativas ou por pequenas atitudes que simbolicamente reforçam sua virilidade.

A reiteração dessa masculinidade “hegemônica” se dá muitas vezes na exposição de conquistas sexuais. Ainda que tenha de haver certos limites – a linha que separa um “homem de verdade” por suas relações sexuais de um falastrão que não inspira credibilidade parece ser tênue –, verbalizá-las é um exercício que dirime dúvidas quanto à heterossexualidade e posiciona os confrades em graus de masculinidade variados.

Souza (2011) relata que “o álcool é um dos componentes de um *homem de verdade*. Através da compra, partilha e consumo da bebida alcoólica que um homem se faz mais homem perante outros homens” (SOUZA, 2011, p. 44). Esse consumo, porém, mesmo sendo exagerado verbalmente pelos confrades – um homem de verdade sabe beber, e beber bem –, deve ser feito com cuidado. Um ditado bastante popular é mencionado rotineiramente pelo grupo: “cu de bêbado não tem dono”.

Este ditado demonstra que um bêbado pode chegar a tal nível de perda de autocontrole que pode ser emasculado: ter sua parte traseira do corpo – parte que deve ser resguardada com maior zelo, parte que não deve ser tocada por homem ou mulher – *possuída* por outro homem significa ter sua honra *tomada* de si (SOUZA, 2011, p. 45).

Isso reforça que, como apontam Sáez e Carrascosa (2016), a masculinidade dos “homens de verdade” está no ânus – ou ao menos a parte “fisiológica” dela, se assim podemos dizer. Por isso as brincadeiras questionadoras da “machezza” costumam envolver a penetração do que deve ser impenetrável. É a honra colocada em jogo.

Se a impenetrabilidade anal é a garantia da masculinidade, ter relações sexuais com outros homens como ativo – penetrando ou recebendo sexo oral – não parece ameaçar os “homens de verdade”. Souza descreve relatos de dois taxistas integrantes da confraria que narraram sem pudores episódios em que foram “chupados” por outros homens.

O fato de estes homens terem tido contato sexual com outros

homens não afeta em nada sua imagem pública de homem, estas histórias eram contadas e ouvidas com naturalidade. Este tipo de contato sexual não *contamina* a imagem pública masculina no meio do grupo da esquina por não ter havido durante o ato uma inversão de papéis sexuais. Afinal, Sérgio e Mauro não assumiram um papel que os emasculassem, uma vez que foram eles que tiveram os pênis tocados, o que garantiria a manutenção de sua virilidade. Para eles também não haveria homossexualidade neste ato sexual: este é sexo feito por iguais, o que para estes homens isto não aconteceu, já que um homem que se *feminiliza* não é um igual (SOUZA, 2011, p. 95).

O verso, portanto, tem de ser intocável para se ser um homem de verdade. Simultaneamente, a frente deve ser constantemente reificada. Isso se dá no hábito entre os confrades de “coçar o saco” e “mexer no pênis” uns perante outros. Também uma espécie de lembrança de que todos detêm o capital simbólico que um “macho” precisa ter para estar ali, entre cervejas em profusão e uma “carne queimando”.

Nas bordas do ânus: interdições (in)flexíveis

Um homem que toca o pênis de outro – ou o chupa – não é um “igual” para os “homens de verdade”: é um “invertido”, quase uma “mulher”. Mas há homens que defendem que a “verdade está lá fora”, parafraseando o mote da série de TV estadunidense “Arquivo X”, e não no contato físico mais afetivo e/ou erótico com um “igual”. Sob outro ângulo, estes homens também acreditam que a masculinidade não está nos órgãos genitais, já que usufruir do pênis alheio por meio de carícias e sexo oral não os feminilizam.

Esses homens se autointitulam “g0ys”, ou hétero flexíveis. Estão organizados em um movimento que começou nos Estados Unidos nos anos 2000 e já criou ramificações em outros países do mundo. Reportagens publicadas desde 2014¹⁰ apontam que “a relação entre g0ys pode ser considerada um tipo de *bromance* – palavra que combina ‘*brother*’ e ‘*romance*’ (ou seja, um romance entre irmãos/amigos)”.

No Brasil, aqueles que simpatizam com sua “filosofia” podem ser encon-

¹⁰ Algumas matérias publicadas em veículos de comunicação brasileiros: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2014/04/g0ys-os-homens-que-se-relacionam-entre-si-mas-nao-se-consideram-gays-4480678.html>>; <<https://extra.globo.com/noticias/mundo/conheca-os-g0ys-homens-que-se-relacionam-entre-si-mas-dizem-nao-ser-gays-12218506.html>>; <https://www.huffpostbrasil.com/fernando-nunes/entrevista-com-um-g0y-um-homem-com-particularidades_a_21668423/>; <<https://www.diarioonline.com.br/noticias/elas/noticia-525248-g0ys-os-homens-que-se-relacionam-com-outros-mas-nao-se-consideram-gay-ou-bi.html>>.

trados em uma comunidade no *Facebook*, o Movimento g0y Brasil, com pouco mais de 3,4 mil seguidores (dado de agosto de 2019). Ao consultar informações sobre a comunidade na seção “Sobre”, lê-se: “G0ys: Respeito, carinho, integridade e amizade entre homens”.

Postagens exibidas na seção “Comunidade” mostram fotos de homens barbudos – e aparentemente fortes e másculos – beijando-se na boca. Em duas imagens postadas pelo mesmo visitante em um mesmo dia de abril de 2017, o comentário é idêntico: “quem não gosta de beijar? Sem barreiras fica melhor ainda”.

Outra imagem mostra um grupo de seis homens em plano americano. Chama a atenção dois deles, no canto direito superior, um sem camisa e o outro com, olhando-se profundamente. A foto ilustra um convite para um encontro que o autor da postagem, datada de junho de 2016, intitula “O prazer masculino”, assim descrito: “Conexão, aceitação e celebração da nossa energia de prazer. Este encontro destina-se a homens que querem conhecer melhor o seu erotismo e sexualidade, que pretendem permitir-se ter prazer ou que o desejam expandir. Conectamo-nos profundamente com nós mesmos, com o corpo, emoções, energias erótica e sexual, aprendemos a aceitar-nos inteiramente, a entender nossos corpos e sensações e a expandir o prazer.” Os interessados podiam entrar em contato por meio de um número de telefone celular cujo DDD é de Brasília.

Outra postagem, esta de julho de 2014, faz menção ao Dia do Homem, 15 de julho. Trata-se de uma foto com quatro homens abraçados em torno de uma bola de futebol, como se estivessem comemorando um gol, sobre fundo azul (cor de menino?). A imagem traz como dizeres: “Nenhum homem tem o dever de ser rico, grande ou sábio, mas todos têm o dever de serem honrados”. A frase é atribuída ao romancista e poeta inglês Rudyard Kipling, nascido em Bombaim, na Índia, em 1865 e morto em 1936, em Londres.

A propaganda (e desejada) flexibilidade no contato físico com seus “iguais” distancia os g0ys dos “homens de verdade”. Contudo, percebe-se que os dois grupos, de maneiras diferentes, mas similares, tomam a honra como um valor masculino que deve ser perseguido. Um “dever”, uma “necessidade”, uma “natureza”, uma “essência”.

Além da comunidade virtual, os adeptos da “ideologia g0y”, como eles mesmos chamam, dispõem de um *site*, o “Hetero g0y”. Em sua capa, uma imagem de uma grande casa com piscina traz como epígrafe “Um local para homens conscientes de seu papel”. Há também a seção chamada “Sobre nós”, que remete à subseção “O que é um Hétero g0y”, apresentando a seguinte descrição (os grifos em negrito são meus):

O termo - g0y - é escrito com um zero no lugar da letra ‘a’ da palavra gay, isso para expressar que **os g0ys, sejam heteros ou não, são homens** (NÃO HÁ MULHERES GØYS). Homens que por princípio **não se identificam com os valores e os comportamentos da comunidade gay**. O termo pode ser abrangente, podendo incorporar coisas diversas como atitude, postura masculina, pró-atividade, etc. **MAS O PRINCIPAL é que com o zero em destaque o termo g0y serve designar homens que não praticam sexo anal com outros homens.**

Por uma questão lógica dedutiva, conseqüentemente **um homem heterossexual tradicional como conhecemos não pratica sexo anal e nem qualquer outro tipo de interação íntima com outros homens adultos**. Dessa forma **um Hetero g0y é um heterossexual mais liberal, mas que mantém seu comportamento reto (*straight*) e por uma ética própria masculina, não faz sexo com homens, apenas faz brincadeiras sacanas, interações mais leves ou até mais *hards* desde que nesses contatos HxH - que podem ser múltiplos, não ocorra o ato homossexual e que o sexo (ou seja a penetração) seja exclusiva com mulheres.**

O comportamento heterossexual somado com o comportamento erótico gØy (i.e. contatos com zero anal masculino), também pode levar outros nomes, também pode ser chamado de **pseudo-bissexual, soft-bi, heterogoy e também por um termo que é muito comum que é hetero flexível (ou heteroflex, em sua forma abreviada)**. (HETEROG0Y, 2014, s.p.)

O que se pode depreender dessas definições?

Um g0y pode ser “um hetero ou não”. Presume-se, portanto, que ele pode ser um homossexual. Mas, ao mesmo tempo, um homossexual que tem de ser “homem”, não “gay”, cujos valores e comportamentos são reprovados pelos “heteroflex”.

Ao que parece, esses “valores” e “comportamentos” gays se resumem a uma única parte corporal: o ânus. Assim como para os “homens de verdade”, para os g0ys a masculinidade também reside no cu, como apontam Sáez e Carras-cosa (2016). Contudo, o discurso dos flexíveis é ainda mais radical que o dos “homens de verdade”, pois não admitem o sexo anal nem mesmo como ativos, ao menos retoricamente.

Contra-pondo-se aos “homens de verdade”, os g0ys se colocam como um

“heterossexual mais liberal”. Para eles, “sexo” é penetração, e isso um homem pode fazer somente com mulheres. “Brincadeiras sacanas, interações mais leves ou mais *hard*” são permitidas, embora não descrevam do que se trata. Presume-se que incluam beijar, chupar o pênis, carícias mútuas, masturbação (em si ou no outro), podendo ser mais “delicadas” ou “fortes”. Afinal, homem que é homem também tem de ter “pegada”.

Outro detalhe é que os g0ys admitem realizar essas “brincadeiras sacanas” em grupo¹¹. Como se verá adiante, as relações grupais entre homens também são uma possibilidade (ou talvez característica) dos *macho man*, homens gays com postura social e sexual superviril, ainda que esta supervirilidade no sexo resida também no fato de serem penetrados de forma violenta e por vários homens ou tenham seus ânus penetrados em sessões de *fist fucking*.

Para os g0ys, o desejo por “iguais” que não os feminiliza ou homossexualiza tem uma explicação histórica, que como se verá, é ligeiramente confusa.

Aparentemente no mundo antigo, o comportamento g0y era absolutamente normal, não apenas na Grécia, mas entre diversas civilizações que em uma história paralela não entraram em contato com a cultura ocidental que basicamente foi formada após a supremacia do império Romano, incluindo as nossas sociedades latinas, como os Maias, Astecas, tupis-guaranis, tupinambás, etc. A prática do sexo anal como elemento de depravação aparentemente de uma forma contundente passou a ocorrer em Roma, como uma forma inclusive de demonstração de poder, do imperador para com os subordinados, dos vitoriosos para os conquistados, etc. enfim como regra sobressaía a figura do ativo subjugando o passivo (HETEROG0Y, 2014, s.p.).

Sobre a negação da “homossexualidade” na Grécia antiga, os g0ys têm certa razão. Foucault (2010) lembra que:

De fato, a noção de homossexualidade é bem pouco adequada para recobrir uma experiência, formas de valorização e um siste-

¹¹ Em 2014, quando fiz minhas primeiras incursões na internet para entender o que é “g0y”, consegui contato via *Facebook* com um adepto da “ideologia”. Morador de Curitiba, no Paraná, ele contou que participava de festas privadas com homens “flex”, que eram promovidas em suas casas. Narrou que havia muitas “sacanagens” em grupo, ou seja, beijos, esfregações, sexo oral, masturbação coletiva ou trocada. Insisti na posição sobre a penetração anal. Embora reforçasse que “os g0ys não curtem penetração”, ele admitiu que esta poderia ocorrer, desde que fosse em um espaço “reservado” desses eventos, não visível aos demais participantes. Este informante, embora participasse de eventos g0y, confessou que “curtia tudo, gay, bi, homem, mulher”, mas que socialmente “preferia” ser hétero. Também revelou que curtia mais penetrar, mas que “pode rolar ser penetrado tbm, depende do tesão da hora...”.

ma de recortes tão diferentes do nosso. Os gregos não opunham, como duas escolhas excludentes, como dois tipos de comportamento radicalmente diferentes, o amor ao seu próprio sexo ao amor pelo sexo oposto. As linhas de demarcação não seguiam uma tal fronteira. A oposição entre um homem temperante e senhor de si e aquele que se entregava aos prazeres era, do ponto de vista da moral, muito mais importante do que aquilo que distinguiu, entre elas, as categorias de prazer às quais era possível consagrar-se mais livremente. Ter costumes frouxos consistia em não saber resistir nem às mulheres nem aos rapazes, sem que este último caso fosse mais grave que o outro (FOUCAULT, 2010, p. 237).

Contudo, a ausência de penetração anal alegada pelos g0ys como uma característica da civilização grega não é reiterada por Foucault. Sobretudo porque as relações entre homens eram estabelecidas em geral entre os mais velhos e os mais jovens – os rapazes citados pelo filósofo, que, mesmo livres e não escravos, ocupavam posição social inferior – e refletiam um “isomorfismo entre relação sexual e relação social” (FOUCAULT, 2010, p. 269).

Deve-se entender por esse princípio que a relação sexual – sempre pensada a partir do ato modelo da penetração e de uma polaridade que opõe atividade e passividade – é percebida como do mesmo tipo que a relação entre superior e inferior, aquele que domina e aquele que é dominado, o que submete e o que é submetido, o que vence e o que é vencido. [...] E pode-se compreender, a partir daí, que há, no comportamento sexual, um papel que é intrinsecamente honroso e que é valorizado de pleno direito: é o que consiste em ser ativo, em dominar, em penetrar e em exercer, assim, a sua superioridade (FOUCAULT, 2010, p. 269).

Independentemente de as práticas homoeróticas gregas justificarem ou não a “ideologia” g0y, o fato é que a penetração abominada entre homens é reservada exclusivamente às mulheres. Seguindo a reflexão de Foucault, não deixa de ser um reforço do papel submisso destinado ao feminino pela masculinidade.

Por outro lado, se festas ou eventos privados são promovidos para permitir as “brincadeiras sacanas” entre os homens flexíveis – e apenas para homens, parece que a comunidade também se preocupa em promover interações que incluam mulheres. Esse foi o mote do 1º Encontro Nacional G0y, realizado em setembro de 2018 em Embu-Guaçu, região metropolitana de São Paulo, mas é prática comum em outros encontros de menor porte realizados pelos g0ys.

Em matéria sobre a abertura do primeiro bar g0y em São Paulo, em novembro de 2018 – o estabelecimento acabou fechando em junho deste ano, por causa do recente falecimento de uma das sócias –, o jornalista Paulo Sampaio relatou um diálogo com a namorada de um dos frequentadores desses eventos.

Silvio (*Oliveira, 47 anos, comerciante*) frequenta os encontros heterog0ys com a atual namorada, a comerciante Noêmia Silva, 44 anos, que ele conheceu há dois anos em seu bar, em Guarulhos, grande São Paulo. “A gente se aproximou, e um dia ele me contou do movimento. Levei um susto, a princípio foi difícil aceitar”, conta ela. “Mas aí eu fiquei curiosa e topei ir com ele a um encontro.” Hoje, Noêmia não só é adepta do movimento, como também encampa teses como: “A maior parte dos homens é g0y, mas não admite.” Ela, pessoalmente, diz que descobriu um prazer inaudito em assistir dois homens se beijando e indo além disso. A identificação com o movimento foi tamanha que Noêmia agora afirma que não consegue mais se ver “no mundo formal, dos casados”. “Me sinto livre, ‘fodástica.’” Para ela, uma das vantagens de estar com o namorado nos encontros é que “não existe infidelidade”. “O que a gente tem de fazer, faz na frente do outro. E o melhor, com prazer.” (SAMPAIO, 2018, s.p.).

A fala de Noêmia dá a entender que as práticas sexuais que ocorrem nesses eventos envolvem homens e mulheres, o que os aproximaria dos swings e/ou troca de casais realizadas em festas e clubes destinados a casais heterossexuais “tradicionais”. Karlos (a matéria não menciona seu sobrenome), outro sócio do bar, confirmou ao repórter que “é permitido penetrar mulheres”. Entretanto, há uma “sutil” diferença em relação aos swings “tradicionais”, como aponta Pedro (que também não revela seu sobrenome), outro promotor de encontros g0ys: o foco entre os flexíveis são os homens, não as mulheres.

A reportagem afirma, em um trecho, que a presença feminina funciona, para esses homens, como uma “prova” de sua heterossexualidade. Se as mulheres podem considerar as “brincadeiras sacanas” entre os *brothers* como um fetiche sexual, sua presença e participam dirimem qualquer dúvida sobre a masculinidade de seus parceiros.

Voltando ao bar, o sócio Karlos afirmou a Sampaio que o espaço iria funcionar como uma “confraria g0y”, o que nos remete aos encontros dos “homens de verdade” de Souza (2011). Além disso, afirma o texto, “assim como nas festas nos sítios, a patrulha antigay estará a postos”. Homens afeminados ou que “ousem” tentar penetrar outro homem ou ser penetrados são “convidados

a se retirar”. Afinal, homem que é homem pode até ser “liberal”, mas vai até as bordas do ânus, não entra nele.

“Bota que é cu de macho!”: prazer que diz seu n(h)ome(m)

Se os g0ys se reconhecem na Grécia clássica, em que momento histórico surge (ou é criado) o gay, seu contraponto na analidade e, portanto, na masculinidade? Foucault (1994) relata que “o homossexual como espécie” é resultado dos avanços da medicina e da psiquiatria na segunda metade do século 19. Sua “criação” seria anterior ao próprio conceito de heterossexualidade, de acordo com o filósofo.

Essa delimitação psico-médica foi suficiente para estigmatizar as práticas sexuais entre homens, até então condenáveis apenas pelo direito canônico, não por se tratar de relações entre pessoas do mesmo “sexo”, mas por envolver a sodomia, a penetração anal, um “pecado” pelas leis bíblicas. Foi quando “o amor que não ousa dizer seu nome”, definição creditada ao escritor inglês Oscar Wilde, transformou-se em perversão e crime. Wilde, inclusive, foi preso e condenado por ter relações homoeróticas com outro homem.

O termo “homossexual”, aponta Tamagne (2013), foi empregado pela primeira vez na história em 1869 pelo escritor húngaro Karoly Maria Kertbeny e “veio progressivamente a ser categorizado como um ser à parte, definido pela sua orientação e por suas práticas sexuais, que se opunha assim ao ‘heterossexual’” (KATZ *apud* TAMAGNE, 2013, p. 424).

O homossexual tinha sido definido, no final do século XIX, como um contratipo viril¹². Alguns militantes homossexuais, como Karl Heinrich Ulrichs e Magnus Hirschfeld tinham afirmado a existência de um “terceiro sexo”: o “invertido” tinha “uma alma de mulher num corpo de homem”¹³. Se alguns homens se identificavam plenamente com esta imagem, outros escolhiam uma apresentação de si mesmos como afeminados, a fim de melhor se integrar no seio da subcultura homossexual, ou como estratégia destinada a capturar a atenção de parceiros “heterossexuais” (TAMAGNE, 2013, p. 426).

“Contratipo viril”, “alma de mulher num corpo de homem”, “afeminados”. Tais expressões podem ser traduzidas como passividade sexual e submissão – afinal, a mulher “recebe” o pênis do homem. Contudo, o que parece mais

¹² Cf. MOSSE, G.L. *L'Image de l'homme – L'invention de la virilité moderne*. Paris: Abbeville, 1997.

¹³ Cf. MURAT, L. *La loi du genre – Une histoire Culturelle du “troisième sexe”*. Paris: Fayard, 2006.

evidente nessas delimitações do “terceiro sexo” é uma marca identitária socialmente reconhecível: a feminilização do homem. As “práticas de alcova” parecem não importar para definir a “inversão” – tanto que se “afeminar” também era uma estratégia para atrair parceiros “heterossexuais” (os “homens de verdade”).

Esse cenário se altera a partir dos anos 1970, sobretudo pelos movimentos sociopolíticos que surgiram em países ocidentais que lutavam pela desestigmatização da homossexualidade e da descriminalização de práticas homossexuais. O “afeminado”, então o grande representante simbólico da subcultura gay, passa a dividir espaço – e luta por poder dentro do movimento – com o que Tamagne (2013) chama de “clone”, ou *macho man*.

Ainda que, no início do movimento, muitos gays se fundassem na contracultura *hippie* e usassem cabelos grandes e jeans com pata de elefante, eles rompiam logo com uma imagem que não lhes permitia ser visíveis como homossexuais e que conservava, além disso, a suspeita de androginia, e escolheram propor um olhar decididamente viril. Em consequência, ainda que, no início do século XX, “se fazer de louca” podia ser um meio de atrair parceiros machos, alguns homossexuais afeminados se sentiram obrigados agora “a se apresentar como homem viril para alcançar o mercado de encontros”¹⁴ (TAMAGNE, 2013, p. 428).

Portanto, o mesmo movimento político que lutou para tirar a homossexualidade de uma condição marginal transformou o “homem superviril” em “tipo ideal”, marginalizando outros tipos gays, aponta Pollak (1985).

Compreende-se que, no momento em que a opressão cedia, os militantes homossexuais tenham tentado antes de mais nada redefinir a identidade homossexual, liberando-a da imagem que faz do homossexual, na melhor das hipóteses, um homem efeminado, e, na pior, uma mulher que não deu certo. Em reação contra essa caricatura, o homem “superviril”, o “machão”, tornou-se o tipo ideal no meio homossexual (POLLAK, 1985, p. 68).

Compreende-se, assim, que essa “supervirilidade”, uma masculinidade “de verdade”, hegemônica, está dissociada da posição assumida nas relações sexuais. O *macho man* desloca a masculinidade do ânus para as representações sociais.

¹⁴ LE TALEC, J.-Y. Folles de France – Repenser l’homosexualité masculine. Paris: La Découverte, 2008, p. 289.

E a passividade sexual se torna um marcador de “macheza” não atingível por qualquer pênis penetrador.

O clone [...] apresentava um repertório sexual frequentemente mais variado do que a maioria dos gays, incluindo principalmente o uso de drogas recreativas (*poppers*), uma sexualidade de grupo, ou seja, práticas sexuais atípicas (*fist fucking*, urofilia, BDSM). Nesse contexto, o parceiro “passivo” (*bottom*) não é percebido como menos “masculino” do que o parceiro “ativo” (*top*): pelo contrário, suportando penetrações repetidas e/ou extremas, ele dá prova da sua virilidade (*to take it like a man*) (TAMAGNE, 2013, pp. 437-438).

Tais colocações me fazem lembrar de um episódio que vivi na minha pré-adolescência, no início dos anos 1980 – mais precisamente, em 1985. Naquele ano, foi realizado a primeira edição do Rock in Rio, um festival internacional de música, e uma das atrações era a banda inglesa Queen. O grupo era liderado pelo vocalista Fred Mercury.

Mercury exibia um grosso bigode. Tinha um corpo magro, mas atlético. Costumava se apresentar sem camisa e com calças justas, que ressaltavam tanto seu pênis como sua bunda. Apesar da indumentária que muitos consideravam “coisa de mulher”, no palco ele se mostrava másculo, dominando tanto seus companheiros de banda como a plateia.

Além de admiração, Mercury causava no público questionamentos sobre sua sexualidade. Sua homossexualidade (nunca assumida publicamente) era apontada como evidente, mas, contrariamente às regras dos “homens de verdade”, sua masculinidade era ressaltada. Não foram poucas as vezes em que ouvi de parentes, amigos e conhecidos que o cantor fazia o tipo “bota que é cu de macho!”, e alguns comentários até ressaltavam a “coragem” (algo tão masculino) de “dar o cu”.

Exatamente 30 anos depois, em 2015, o Queen voltava ao Rock in Rio, dessa vez sem Fred Mercury, morto em 1991. Em seu lugar como vocalista, a banda convidou o cantor pop estadunidense Adam Lambert, homossexual assumido. A apresentação rememorou sucessos da banda e empolgou tanto o público presente quanto quem assistia ao show pela TV. No entanto, li comentários de amigos no *Facebook* que diziam que Lambert era bom, mas que “desmunheca-va” demais – ou seja, era “feminino” e não “macho”, como era Mercury. Em suma, para alguns homens heterossexuais, ao contrário do que pensam os “homens de verdade” e os g0ys, a masculinidade não está no ânus..

Então, o “clone” ou *macho man* é um exemplo de práticas sexuais passivas ocultas sob uma masculinidade hegemônica socialmente evidenciada. Mas não é preciso que um homem que tenha prazer em ser penetrado use roupas de couro ou seja adepto do BDSM e do *fist fucking* para parecer viril. Basta ter “postura de macho”, como se verá a seguir.

O *Grindr* é um aplicativo para celular que, de acordo com seus desenvolvedores, “se tornou a maior rede social para conectar pessoas gays, bi, trans e *queer* no mundo inteiro”. Criado em 2009, é comumente utilizado por homens que estão em busca de relacionamentos sexuais e/ou afetivos com outros homens.

Apresento dois perfis encontrados em Copacabana, na Zona Sul do Rio de Janeiro, em 2018. Os textos entre aspas estão sendo reproduzidos conforme escritos por seus autores no aplicativo, incluindo pontuação (ou sua ausência) e uso de caixa alta ou baixa:

- 1) “A”, 45 anos; foto de um homem branco, careca, com corpo em boa forma e sem pelos, sem camisa e de short curto, várias tatuagens nos dois braços; ele está sentado, com expressão facial séria e “masculina” e braços ligeiramente arqueados à frente, ressaltando sua musculatura peitoral: “BUSCO SEXO CASUAL, ENTRE PESSOAS 18 A 35 ANOS ABRO EXCEÇÃO. QUANTO A IDADE DESDE QUE O MESMO SE CUIDE, ENGIENE ANTES DO SEXO E REGRA, SOMENTE ATIVOS E VERSATES SOU PASSIVO,SEM FOTO NO PERFIL OU NA MENSAGEM SEM RESPOSTA, TRQBALHO COMO MASSO TERAPEUT”

- 2) “B”, 40 anos; foto de um homem negro, de corpo inteiro e em pé, vestindo apenas uma sunga branca. Seu corpo é “sarado” e sem pelos; ele está recostado em uma parede enquanto o outro braço está apoiado na outra, acima da cabeça, ressaltando seus tríceps. A expressão facial é séria e máscula: “NÃO SOU GP. BTM/PSSV¹⁵. Amizades são sempre muito bem vindas! Buscando parceiros para viagens. Vamos sair, tomar chopp, curtir uma noitada. A vida não se resume apenas em sexo (não a minha pelo menos!) Ahhh, sim sou PASSIVO! NÃO SOU GP”

Como se vê, os dois homens são sexualmente passivos. Gostam de dar o cu. Para os “homens de verdade” e os g0ys, sua masculinidade seria inexistente,

¹⁵ Sigla para “*bottom*/passivo”.

pois a penetração os emascularia. Entretanto, se olharmos as fotos de ambos – que, ao contrário de muitos dos usuários do *Grindr*, mostram seus rostos – sem nos atermos aos textos, é pouco provável que se tire qualquer conclusão sobre suas reais sexualidades. Mais: acredito ser bastante provável que sejam apontados como homens “másculos”, por suas expressões faciais, seus corpos “sarados”, suas posturas “de macho”.

É ainda bem comum encontrar no *Grindr* perfis de homens que se dizem “discretos e fora do meio”. Traduzindo, são homens que não “dão pinta¹⁶” e não frequentam ambientes como boates e bares destinados ao público gay. A expressão também pode definir homens que fazem sexo com outros homens, mas não se assumem publicamente como homossexuais.

Muitos perfis também deixam claro que não curtem “afeminados”. Em geral, essa “preferência” é dada com certo cuidado para não parecer homofóbica: “nada contra afeminados, só não curto” é a saída rotineira para valorizar a masculinidade sem parecer que se está discriminando quem não se encaixa no padrão “macho”.

A “macheza” buscada no ambiente virtual do *Grindr* está também nas festas de orgias para homens realizadas no Rio de Janeiro que foram pesquisadas por Barreto (2017). Além da “putaria” e da “discrição”, o autor lista como um dos princípios que marcam esses eventos a masculinidade.

Assim, esses encontros “reais” são marcados pelo reforço de que se destinam a “homens”. Exige-se “postura de macho” para que se participe delas, seja penetrando, seja sendo penetrado, seja realizando as duas práticas.

Em algumas delas, narra Barreto, os organizadores selecionam na porta dos espaços onde se realizam se o pretendente é mesmo “homem” o suficiente para entrar. E em situações onde “afeminados” conseguem furar o bloqueio e participar do evento, são mal-vistos pelos demais participantes e costumam ser evitados.

Barreto menciona uma das marcas do “princípio da masculinidade”:

Uma virilidade que é demonstrada na maioria das vezes pelos mesmos signos e gestos corporais do modo de “ser homem” encontrado em outros espaços de socialidade masculina. Tomemos um dos gestos masculinos por excelência: o pegar ou coçar “o saco ou o pau”. [...] Aqui, nesse contexto, se aprofunda com seu excesso e toma outros contornos com um aspecto homoerótico. Aperta-se e pega-se a todo momento no “pau e o saco” sempre para o outro,

¹⁶ “Dar pinta” seria parecer homossexual, mais precisamente, parecer feminino.

para demonstrar como se é macho, nas academias, nos jogos de esporte, no bar, na rua ou em qualquer situação de interação masculina. Já no universo das relações homoeróticas entre homens também aperta-se “o saco e o pau” como forma de reconhecimento no outro do mesmo desejo e aqui além dessas características, aperta-se o “pau” para oferecimento, para manutenção do tesão, para aquecer a ereção, para chamar a atenção. E, não raro, nos intervalos da efervescência das interações, os homens nessas festas se reúnem em volta de alguma televisão presente nas áreas de descanso, para acompanhar algum canal de esporte, assistir à alguma partida de futebol que esteja acontecendo naquele momento, jogar algum jogo de mesa que a casa tenha disponível, beber alguma latinha de cerveja ou outro drink enquanto fumam um cigarro e discutem sobre o time para o qual torcem (BARRETO, 2017, p. 81).

Coçar saco e pau, assistir a futebol, beber cerveja, discutir sobre times para o qual torcem... não fosse o fato de serem homens nus ou seminus em um ambiente destinado a sexo entre eles, poderíamos localizá-los facilmente na confraria da esquina.

Mas, o que fica claro é que, seja entre “clones”, em aplicativos ou em orgias de homens, os cus, de bêbados ou sóbrios, têm donos que fazem o que quiserem com eles. Desde que continuem sendo “homens”, sua masculinidade não está em risco. O ânus não é o limite.

(IN)CONCLUSÕES

Em artigo publicado originalmente em 2005 na revista *Gender & Society* e traduzido no Brasil em 2013, Connell e Messerschmidt fazem uma crítica ao conceito de masculinidade hegemônica, elaborado nos anos 1990. Partindo de considerações de diversos autores sobre o tema, propõem descartes, manutenções e reformulações, de modo a englobar noções que foram negligenciadas em sua origem.

Para esta análise, destaco esta observação:

A dominação nas relações de gênero envolve uma interação entre custos e benefícios, desafios à masculinidade hegemônica emergem das “masculinidades de protesto” dos grupos étnicos marginalizados e mulheres burguesas podem se apropriar de aspectos da masculinidade hegemônica ao construir carreiras profissionais ou corporativas (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013, p. 264).

Assim, como já mencionado na introdução deste artigo, a(s) masculinidade(s) podem ser agenciadas por homens (e também por mulheres), em trânsitos permanentes entre posições hegemônicas, cúmplices ou subordinadas. Lugares dominantes e dominadas podem ser ocupados pelas mesmas pessoas em variadas situações. Ato e falas negativadores podem receber nuances positadoras, em uma complexa teia relacional

Se os “homens de verdade” poderiam acusar os g0ys de “gays enrustidos”, não se pode negar a homoafetividade entre eles, mesmo que em menor grau do que a propagada pelos hétero flexíveis. Há um sentimento de pertencimento a uma “identidade” que deve ser construída e preservada constantemente (por estar sempre sob risco de ser contestada), o que exige proximidade, parceria, “fidelidade”. A homossexualidade precisa estar presente porque é considerada uma ameaça real à heterossexualidade, constantemente vigiada e posta à prova, seja nas narrativas, seja nas brincadeiras. Esses “homens de verdade” precisam coçar e pegar em seus paus e sacos na frente uns dos outros como gesto viril, mas o mesmo ato costuma ser um convite para o sexo entre homens. Se o ânus é impenetrável porque os emascula, passar a mão ou dar tapinhas nas bundas uns dos outros não os fazem menos homens. E penetrar outros homens não ameaça sua virilidade.

Os g0ys recorrem à cultura clássica grega para exaltar uma virilidade que não é atingida pela homoafetividade. São, como os “homens de verdade”, heterossexuais, porém mais “liberais”: não há problema em um homem felar outro, beijar outro, masturbar outro. O limite é um só: o cu. G0ys não fazem sexo anal com homens, nem como ativos. O ânus masculino penetrado que viriliza os “homens de verdade” é considerado elemento de submissão, e *brothers*, parceiros, amigos, homens “de verdade” não submetem uns aos outros. Eles se admiram por suas honras, por seus gestos e corpos viris. As “brincadeiras sacanas” entre eles não são sexo; sexo é penetração, e penetração só se faz com mulheres – essas sim, passíveis de submissão, mas necessárias para que não haja dúvida sobre a masculinidade dos heteroflex.

G0ys podem até ser homossexuais, dizem eles, mas nunca podem ser gays, que teriam “valores” e “comportamentos” diferentes. Em suma, gays usam ânus – seus ou os de outros homens – para o “sexo”, e isso não é “coisa de homem”. Mas gays podem ser tão viris quanto os “homens de verdade” em gestos, ideias, relações, mesmo tendo seus cus penetrados. A penetração anal, como entre homens adeptos do BDSM e do *fist fucking*, é, inclusive, considerada masculinizante (*to take it like a man*). Trata-se de “cu de macho”. E ser macho é não parecer fêmea. Tanto assim que costumam depreciar as “bichas”, ou seja, os homossexuais “afeminados” – ainda que eles sejam ativos sexualmente.

Sim, Beauvoir estava certa em apontar que “não se nasce homem, torna-se homem”. Mas o “tornar-se” mostra-se muito mais complexo e relacional do que a filósofa talvez imaginou em sua afirmação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa, Portugal: Fim de Século Edições, 1995.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. **Festas de orgias para homens: territórios de intensidade e socialidade masculina**. Salvador (BA): Editora Devires, 2017.

BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges. **História da virilidade 3: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013, pp. 189-220.

CONNELL, R. W.. **Masculinities**. 2nd ed.. Berkeley and Los Angeles (CA/USA): University of California Press, 2005.

CONNELL, Robert W. e MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis (SC), 21 (1): 424, janeiro-abril/2013, pp. 241-282.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água Editores, 1994.

_____. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 13^a ed., 1^a reimpressão. São Paulo: Edições Graal, 2010.

GUEDES, Simoni Lahud. **Jogo de corpo: um estudo de construção social de trabalhadores**. Niterói (RJ): Eduff, 1997.

GUTMANN, Matthew C.. **Os significados de ser homem em uma colônia popular na Cidade do México**. Niterói (RJ): CEAD/UFF, 2017.

HETERO G0Y. Disponível em <<https://heterogoy.webnode.com/>>. Acessos entre maio de 2014 e agosto de 2019.

PITT-RIVERS, Julian. Honra e posição social. In: PERISTIANY, J. G.. **Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrânicas**. 2^a ed.. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971, pp. 13-59.

POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto? In: ARIÈS, Philippe e BÉJIN, André (org.). **Sexualidade ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SÁEZ, Javier e CARRASCOSA, Sejo. **Pelo cu: políticas anais**. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

SAMPAIO, Paulo. SP terá bar para homens que transam com homens, mas não são gays, os “g0ys”. In: **Blog do Paulo Sampaio**. Disponível em: <<https://paulosampaio.blogosfera.uol.com.br/2018/11/13/sao-paulo-vai-ter-bar-para-homens-que-transam-com-homens-mas-nao-sao-gays/>>. Acessos entre junho e agosto de 2019.

SOUZA, Rolf Malungo de. **A confraria da esquina: o que os *homens de verdade* falam em torno de uma *carne queimando***. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011.

TAMAGNE, Florence. Mutações homossexuais. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges. **História da virilidade 3: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013, pp. 424-453.

